

PARA UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA (Universidade)

(Maurício da Silva, UFF)

*A informação é epidérmica.
O conhecimento é sangüíneo.
A informação é atomística.
O conhecimento é holístico.*

Créditos:
(*uma espécie de ficha técnica*)

Produtor geral: um *desejo* de alunos

o de ser um aluno-leitor bem sucedido na Escola (Universidade)

Assistente de produção: Uma *falta* sentida por alunos e professores

a de uma proposta metodológica que sinalize caminhos para diminuir o VÃO entre a leitura possível de o aluno realizar e a leitura gabaritada imposta pela Escola (Universidade)

Diretor de produção: Um *objetivo* pessoal do professor Maurício da Silva

o de elaborar uma proposta que POSSA figurar como ALTERNATIVA para preencher esse VÃO

Participação especial 1: Um *exemplo prático* para ilustrar a proposta:

uma leitura de a *Ópera do Malandro* de Chico Buarque de Holanda realizada pela equipe de alunas Elen de Almeida, Flávia Marilene Maciel Mercante, Tatiana Vargas Moreira e Valéria Mendonça de Oliveira da turma A1, Português I, 2/2003 sob a orientação metodológica do Professor Doutor Maurício da Silva¹

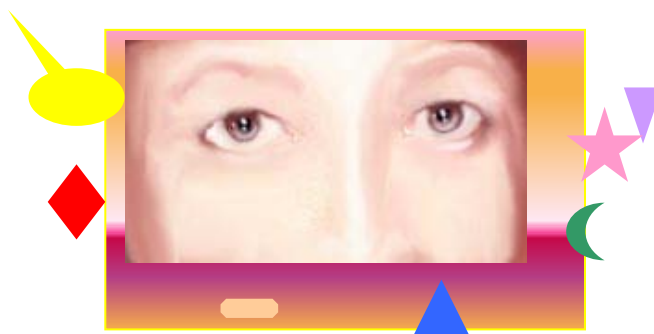
Participação especial 2: Uma *forma* de apresentar o exemplo:

Esquemática, para dar mais visibilidade e dinamismo à apresentação da proposta metodológica de leitura em sala de aula²

¹ O trabalho aqui apresentado não esgota as possibilidades de interpretação possíveis de a *Ópera do Malandro*, é apenas um exemplo, a meu ver, de uma leitura bem sucedida em termos acadêmicos.

² É claro que deve haver muitas outras propostas metodológicas de como se ler na escola (universidade) para que o aluno seja bem sucedido em suas tarefas de leitura. A que aqui apresentamos é apenas uma possibilidade que acreditamos poder diminuir o VÃO pedagógico que vem distanciando aluno e professores há anos.

1ª etapa da proposta:

CONTEMPLANDO A CRIA³*Partindo do dito*

Na primeira etapa da proposta, o aluno-leitor deve ater-se ao dito. O dito aqui está sendo entendido como tudo que é *visível, audível, tátil, palatável, olfativo*, ou seja, percebido pelos sentidos. Para nós, texto é todo o objeto que suscita a possibilidade de interpretação: uma foto, um vídeo, uma escrita, uma fala, um DVD, uma ilustração, um quadro....

Partir do dito, entre outras coisas, significa aproveitar todas as pistas aparentes que o material a ser lido pode proporcionar: traços, cores, palavras, títulos, subtítulos, localização, distribuição gráfica, silhueta dígito –editorial, olhares, gestos etc. Partir do dito também significa relacionar todos esses dados da superfície que o objeto-texto nos oferece e utilizar o nosso conhecimento de mundo para levantar hipóteses sobre o que podem querer significar. É o momento de CONTEMPLAR A CRIA.

A base para a sugestão dada nessa primeira etapa da proposta, por nós, propositalmente, denominada CONTEMPLANDO A CRIA, está no conceito de **fenótipo** estabelecido pela ciência Genética.

Como define [HTTP://www.infoescola.com/genetica/fenotipo/](http://www.infoescola.com/genetica/fenotipo/):

“O fenótipo é o conjunto de características físicas, morfológicas e fisiológicas de um organismo. Portanto, o fenótipo se constitui do conjunto dos caracteres mais aparentes, visíveis e observáveis de um organismo qualquer. Por exemplo: ao dizermos que uma planta possui flores brancas ou que um animal tem pelos longos, ou que uma pessoa tem olhos azuis, cabelos louros e lisos, estatura mediana, estamos descrevendo algumas de suas características fenotípicas.”

Por extensão, se, por exemplo, o texto em questão se prestar mais à descrição, é uma boa tática levantarmos seu aspecto fenotípico, isto é, poderíamos observar em primeiro lugar o que o objeto tem de mais visível e aparente. Poderíamos começar pelo todo, isto é, o que o objeto descreve primordialmente, ou seja, se é uma cena de amor, um quadro moderno, um objeto requintado, uma foto e seguir apreciando os detalhes visíveis, audíveis, palatáveis Procurar a perspectiva de onde o objeto foi construído é também revelador. O ponto de vista de sua construção: se do ponto de vista do poderoso, do dominado, do questionamento, do vigente, do surpreendente, do esperado, do produtor

³ Criamos metáforas de família para designar as três etapas da proposta - 1ª: CONTEMPLANDO A CRIA/ 2ª: PROCURANDO OS PAIS / 3ª: GERANDO NOVOS FILHOS, para tornar a leitura de nosso texto mais informal e familiar.

do consumidor, do pessoal, do impessoal, do temporal, do atemporal, do subjetivo, do objetivo e vice-versa. Essa providência já denuncia aspectos intencionais da produção do objeto-texto.

Em relação a textos dissertativo-argumentativos fazer um levantamento da(s) tese(s) que será(ão) defendida(s) pelo(s) autor(es), situar o(s) referencial (is) teórico(s) adotado(s), a metodologia, a justificativa e os objetivos do trabalho.

Quando se trata de texto narrativo, como é o caso de *A ópera do malandro*, exemplo que por nós será utilizado para ilustrar nossa proposta de interpretação, uma boa estratégia é mencionar o tema discutido primordialmente, fazer um resumo do(s) enredo(s), elencar os personagens, descrever sumariamente traços constitutivos de seus caracteres e atitudes, situar o lugar e o tempo cenário onde as coisas acontecem, enfim, essas coisas típicas das narrativas. Como já dissemos nos créditos, apresentaremos a leitura da Ópera do malandro feita pela equipe de alunas já mencionada de forma esquemática com o objetivo de dar mais visibilidade e dinamismo à apresentação.

CONTEXTO NARRATIVO (esquema)

QUEM:

Max Overseas (ídolo dos bordéis)
 Fernandes de Duran (dono dos prostíbulos)
 Teresinha (filha única de Duran e Vitória que casa com Max)
 O Tigrão (Inspetor Chaves que trabalha para os contraventores)

1º O QUÊ (geral):

retrato da malandragem brasileira no submundo da cidade do Rio de Janeiro, com ingredientes típicos da época : entrada clandestina dos produtos norte-americanos (meias de nylon, por exemplo);

2º O QUÊ (específico):

história de um malandro carioca, Max, ídolo dos bordéis, tentando sobreviver nos anos 40, final da ditadura Getúlio Vargas;

3º O QUÊ (conflito):

rivalidade entre Max Overseas e Fernandes de Duran, dono dos Prostíbulos da Lapa;

4º O QUÊ (decisivo)

casamento de Max e Teresinha, o desgosto dos pais da moça, a ameaça aos negócios, gatilho da trama em que todos tentam tirar vantagens de tudo;

ONDE:

Na Lapa.

QUANDO:

Década de 40.

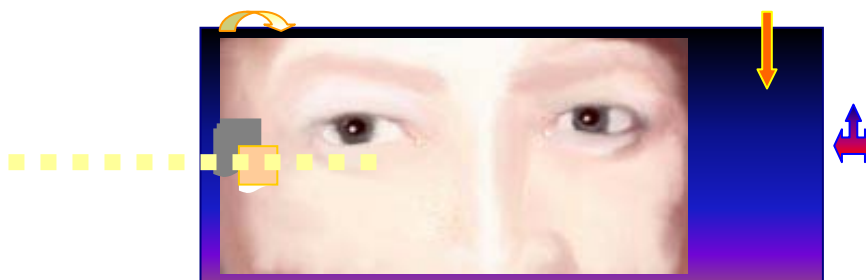
É óbvio que muito mais poderia ter sido dito e detalhado, mas aqui o importante é perceber o primeiro passo da proposta de interpretação que estamos elaborando. É a fase a que chamamos de CONTEMPLANDO A CRIA. É como se o aluno leitor se pusesse distante do objeto-texto e o olhasse como se ele fosse algo completo e transparente. É o momento de investir na ilusão da completude. Acredito que a escola vem fazendo um trabalho de leitura de objetos-textos que se esgota na fase de contemplação da cria.

2ª etapa da proposta:

PROCURANDO OS PAIS

(para a construção de uma genética textual)

Rumo ao não-dito.



Adotar o seguinte lema não só em relação à leitura na escola, mas também na vida pode ser útil: **A CRENÇA NA EXISTÊNCIA É A MÃE DA PROCURA**. Isso quer dizer que para você procurar alguma coisa é necessário que você acredite que essa coisa existe. De hoje em diante é passar a creditar que existem não-ditos que determinam a construção do objeto-texto. É essa crença que vai possibilitar o conhecimento desses não-ditos que poderão alargar nossa compreensão do que lemos. Um desses não ditos é a relação do texto que se está lendo com outros textos que podem, metaforicamente falando, ser seus PAIS. É como se estivéssemos realizando um teste de DNA nos textos para descobrir, revelar sua parentalidade (pai/mãe)¹. É lógico que um teste de DNA precisa de justificativas plausíveis, evidências claras de que o(s) texto(s) que se encontra(m) tem grande percentagem de possibilidade de ser alguns dos responsáveis pela paternidade ou maternidade do texto que se está lendo. Uma das formas mais contundentes de se conseguir demonstrar essas evidências é apelar para o testemunho autorizado, para os grandes nomes eleitos pela nossa civilização como formadores de opinião e criadores de teorias legitimadas. Quem há de resistir a um Aristóteles, a um Max, a um Foucault, a um Platão, a um Pêcheux, enfim, a um desses vozeirões cheios de adeptos em quase todos os lugares. Aqui é usar a intertextualidade para justificar a

intertextualidade dentro da intertextualidade. É algo que se constrói redondo. É usar avós para justificar a parentalidade. É levar o aspecto genético dos textos às penúltimas conseqüências. Propor de forma leal e bem arrazoada o aspecto parental dos textos é como se tivéssemos tirando o texto da orfandade. É como se estivéssemos dizendo “*os pais não estão mortos*”. É como se estivéssemos realizando uma operação de resgate que contextualiza e explica a produção do saber. Em relação a esse aspecto é importante que o aluno-leitor faça um cotejo minucioso apontando as características que estão presentes nos dois textos e que, por isso, estes textos eleitos possam realmente ser considerados como parentais. É importante também salientar que o “simples” fato de se encontrar possíveis pais para os textos que se estão lendo, além de demonstrar pesquisa no nível do não-dito que constitui os sentidos na linguagem, ajuda a espantar um dos fantasmas mais incômodos que assustam muitos membros do universo acadêmico: o fantasma da originalidade. Já vi colegas padecerem de grandes angústias pelo fato de acharem que não são originais. Ademais atestar uma possível parentalidade dos textos sinaliza para o fato de que se deve questionar a idéia positivista que se tem do autor como fonte única e exclusiva de seu próprio dizer. Como diz Vigner “**todo texto é um intertexto**”. É a partir dessa afirmação teórica de Vigner que propusemos que o aluno-leitor, faça um cotejo detalhado entre os textos supostamente parentais. Esse confronto deve ir desde a comparação dos tipos de texto em termos de como as idéias se distribuem em cada um (monografias, épicos, líricos, receitas, bulas...) até suas propostas ideológicas, isto é, no que tais textos se identificam, no que se afastam etc. A propósito do que aqui estamos entendendo como texto – qualquer objeto que possa ser interpretado (foto, objeto, filme, cena, novela, vídeo, DVD, ilustração, monografia, música - e estabelecendo um intertexto com a frase de Vigner, podemos dizer que:

*toda foto é uma interfoto;
 todo filme é um interfilme;
 todo DVD é um interDVD;
 toda monografia é uma intermonografia ;
 toda música é uma intermúsica...*

E o mais importante:

toda pessoa é uma interpessoa

Esse fenômeno da intertextualidade, ou melhor, do *intertudo*, ou pelo menos, do *interquasetudo* ou do *quaseintertudo*, pode ser um norte importante para a vida e para as leituras na Escola (Universidade), pois abre o caminho para a busca das continuidades e discontinuidades da produção do saber em todas as áreas. Para arrematar diríamos ser possível nesta parte da proposta relacioná-la com uma das questões vitais da humanidade: *De onde viemos?*, se, nem sempre podemos responder essa pergunta em relação a nossa raça, pelo menos, podemos tentar hipotetizar algumas respostas para explicar a origem de uma das mais características produções humanas: os textos.

É do conceito de *genótipo*, que retiramos a base para a sugestão dada nessa segunda etapa da proposta por nós, propositalmente, denominada PROCURANDO OS PAIS. A genética vem explicando e justificando as características visíveis de um organismo qualquer recorrendo à noção de *genótipo*.

Segundo [HTTP://www.sobiologia.com.br/conteudos/Gnetica/leisdemendel4php](http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Gnetica/leisdemendel4php) :

*“O termo genótipo (do grego *genos*, originar, provir, e *typos*, característica) refere-se à constituição genética do indivíduo, ou seja, aos genes que ele possui.*

São os genes herdados dos antepassados de um organismo qualquer que, junto com o contexto social e natural, serão os grandes responsáveis pelas características visíveis dos organismos. Assim se conhecermos a história genética dos organismos aliada à sua história sicionatural entenderemos melhor o porquê de certas características estarem presentes nos organismos.

Por extensão, em relação aos textos, propomos que se procurem os possíveis textos-pais para que se entendam melhor os textos-filhos. Essa parte da proposta tem características estáticas e conseqüentemente está sujeita a ser gabaritada. Não será permitido ao leitor um exercício de subjetividade incontido. As evidências genotípicas têm de ser comprovadas.

Aqui, como já fizemos na primeira etapa da proposta de interpretação – CONTEMPLANDO A CRIA – vamos ilustrar esquematicamente o que queremos dizer nessa segunda etapa da proposta – PROCURANDO OS PAIS⁴ com o trabalho sobre *A ópera do malandro* realizado pela equipe de alunas citada.

Segundo o crítico teatral Ruy Castro:

A Ópera do malandro de Chico Buarque (1978)

Se baseia em

A Ópera dos três vinténs de Brecht (1928)

Que se baseia em

A Ópera do Mendigo de Jonh Gay (1728)

1º aspecto comum: TEMA

as três peças giram em torno do conflito entre exploradores e explorados

Ópera do mendigo: engraçada história de exploração onde os personagens são maltrapilhos, moradores de rua e mutilados da Inglaterra do séc.XVIII.

Ópera dos três vinténs: história com personagens do submundo de Berlim do período nazista

Ópera do malandro: história de um malandro carioca tentando sobreviver na década de 40

⁴ Como também já dissemos o trabalho das alunas já citadas não esgota o cotejo analítico que se poderia ter realizado com *A ópera do malandro*, no entanto é bem ilustrativa da etapa interpretativa que estamos propondo – PROCURANDO OS PAIS.

Outro aspecto comum: PROVIDÊNCIAS DE CAUTELA POR CAUSA DA CENSURA

Brecht: localizou sua obra no início do século

Chico: localizou sua obra na década de 40

John Gay: retratou claramente um ministro de sua época (época de menos censura)

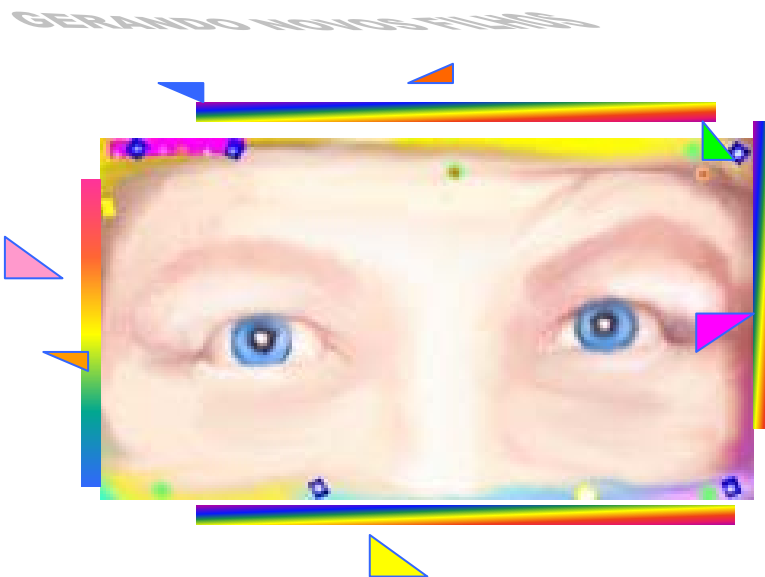
Outros pais para outros aspectos da Ópera do malandro

TRILHA SONORA

Trechos de melodias de Bethoven e das óperas Aída, Rigoletto, La Traviata

3ª etapa:

GERANDO NOVOS FILHOS



Aqui nesta etapa é você que dá continuidade à produção do saber. Munido e conhecedor da parentalidade dos textos você pode tomar a decisão de gerar novos filhos. Filhos do seu desejo. Filhos que trazem em si características de seus pais, mas que poderão começar a andar com as próprias pernas. Que poderão se tornar pais férteis capazes de serem o início de uma nova e promissora linhagem de questões e reflexões para futuros trabalhos. É um ato de inauguração, mas que tem uma história. É mais ou menos aquilo que o Moska diz em uma de suas músicas: “ tudo novo de novo, vamos mergulhar onde já caímos”.

O ideal é que você estabeleça novas relações intertextuais que tenham a ver com questões que lhe interessem , que de uma certa forma possa vir a se tornar um projeto acadêmico de pesquisa e, quem sabe, até de vida profissional. Um dos maiores problemas da vida estudantil reside no fato de o estudante quase sempre só cumprir tarefas que se esgotam em si mesmas no momento em que são avaliadas numericamente pelo professor. É um luxo para o estudante, poder enxergar o quanto antes possível que uma tarefa tem potencial para se tornar um projeto. Isso facilita a vida, aponta caminhos, cria e orienta o desejo. É essa transformação (de tarefa em projeto) que transforma o estudante de hoje no estudioso de amanhã. Decidir sobre o que se vai pesquisar, decidir o que se quer saber e fazer, essa é a chave. Há sempre uma vasta floresta a ser desbravada, um longo caminho a ser percorrido. Na hora em que essa “mágica” acontece , o estudo e o trabalho deixam de ser obrigação e passam a ser prazer.

A equipe de alunas a que vim me referindo ao longo do trabalho esboçou um projeto muito próprio que se for tenazmente perseguido pode render bons frutos até para reflexões importantes de vida. Além disso é prova concreta daquelas transformações a que já nos referimos, isto é , a transformação de tarefa em projeto e a de estudante em estudioso. Começaram a traçar em seu resumido trabalho do **primeiro semestre da faculdade**, a possibilidade de inter-relacionarem teatro com psicologia a propósito de um dos personagens da peça de Chico Buarque chamado Geni, homossexual que se deita com qualquer um, e o mito Junguiano do bode expiatório, analisado por Sylvia

Brinton no livro *O complexo de Bode expiatório- Rumo a uma mitologia de sombra e culpa*. Embrionariamente estudam o perfil psicológico do referido personagem e mostram que esse se identifica com uma questão comum e atemporal:

“ a marginalização dos grupos cujas preferências não correspondem aos

padrões impostos pela sociedade ou que são reconhecidos como “causadores de infortúnio” o que poderíamos chamar de “ovelha negra” ou bode expiatório”.

A pesquisa não foi levada a cabo, pois nem era essa a intenção do trabalho. O importante aqui é se observar o veio de conhecimento que se abre para esses alunos do Português I do 2/2003. Um veio que demandará pesquisa para uma vida inteira e que poderá se constituir como um projeto em que teatro, psicologia e vida se mesclam numa indissociável fusão existencial. De uma certa forma, podemos relacionar essa fase da proposta com outra questão relevante da nossa raça: *Para onde vamos?* E é luxuoso saber que nesta etapa quem traça o destino é você. Isso, no entanto, não deve deixá-lo pretensioso, mas sim atento para o fato de que sua responsabilidade aumenta à medida que as suas possibilidades crescem.

Como já dissemos, essa não é a única forma de se ler um texto, mas acreditamos que se o aluno-leitor seguir com seriedade e estofamento argumentativo consistente as três etapas por nós propostas, o desejo de ser bem sucedido nas interpretações que tiver que fazer na escola poderá se concretizar.

¹ Colocar o encontro da parentalidade (“pai?mãe”) dos textos como recomendação para o atingimento de um nível do não-dito constitutivo do texto a ser lido é uma recomendação de cunho didático. Muito mais relações “genealógicas” podem ser estabelecidas. Podem-se encontrar níveis cada vez mais longínquos de “ascendência” textual direta como por exemplo: “*possíveis avós dos textos* (“**avolismo textual**”), “*possíveis bisavós dos textos*”(**bisavolismo textual**), “*possíveis tetravós dos textos* (**tetравolismo textual**) ... É possível até mesmo estabelecer relações de parentalidade laterais “**cunhadismo**” , “**sogrismo**”, “**tiismo**” etc que podem revelar aspectos importantes das relações entre textos que denunciam continuidades, rupturas, descontinuidades, ampliação, redução etc. Tudo como numa grande família, metaforicamente falando, é claro. Haverá sempre muitos “links” para serem plausivelmente feitos em termos das prováveis ligações do não-dito constitutivas do texto que se está lendo. Tudo vai depender do porte, vulto, objetivos que se queira dar à pesquisa